Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Povo **Class.:** 184

Data: 24 de fevereiro de 1989 **Pg.:**

190

O encontro do ecologista José Lutzemberger e o líder yanomami Davi Kopenawaa

Manifestação contra barragem de Kararaó

no dia 23-2

Cerca de três mil pessoas participaram de um ato público contra a Barragem de Kararaó no bairro de Brasília, na periferia de Altamira, ontem à tarde. A manifestação, convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Altamira e por entidades ecológicas, com o apoio da Prelazia do Xingu, surpreendeu pelo tamanho. Os manifestantes dançaram, animados por um trio elétrico, exibindo cartazes contra a usina e uma cobra grande de panot — símbolo da resistência cultural na Amazônia.

Para evitar confronto com a população da cidade, majoritariamente favorável à barragem, o chefe Paulo Paiakã anunciou, de manhã, que os índios não compareceriam. Mas o cacique Raoni e dois índios txucarramae apareceram. Raoni e Fernando Gabeira, presidente do Partido Verde, e a atriz Lucélia Santos subiram juntos no trio elétrico e falaram da multidão. Para os manifestantes, a Barragem de Kararaó beneficiará os ricos, os comerciantes e fazendeiros da região, penalizando os índios e a população ribeirinha.

A Usina de Kararaó mudou de nome: agora é Belo Monte. A mudança, anunciada, em Brasília pela Eletronorte, é uma concessão aos índios kayapó, que denunciaram, no I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, a apropriação da expressão, que é um grito de guerra, para designar uma obra que, segundo os índios, agride seus direitos e interesses.

A notícia não aplacou a oposição dos kayapó ao projeto, que tampouco tranqüilizaram-se com o anúncio do diretor do planejamento e energia da empresa estatal, José Muniz Lopes, na terça-feira, de que as seis demais barragens do complexo do Xingu estão descartadas — inclusive a de Babaquara que inundaria terras kaypó.

Ontem, os índios reservaram a manhã para ouvir as mensagens de apoio de seus aliados na sociedade civil, ecologistas e políticos, brasileiros e do exterior. O ministro da Fazenda da Itália, Giuliano Amato, por exemplo, enviou uma carta às tribos do Xingu prometendo seu "empenho pessoal e do governo italiano para que a proteção do vosso ambiente seja objeto de atenção prioritária dos bancos multilaterais que financiam projetos que hoje vos ameaçam". A campanha pela preservação da Amazônia cresceu muito desde a visita do cacique Paulo Paiakã a Roma, em novembro passado. Roberto Smeraldin, dirigente dos Amigos da Terra da Itália, contou aos índios que, na quarta-feira, em Londres, a seção inglesa do grupo instalou uma barragem de madeira de 12 metros de comprimento, em frente à embaixada brasileira.

O deputado do Partido Trabalhista da Inglaterra, Tam Dalyell, prometeu intensificar o trabalho de pressão sobre os governos europeus para impedir que financiamentos a projetos de desenvolvimento no Brasil venham provocar novos danos ao meio ambiente, como na construção das Usinas de Tucuruí e Balbina.

A Sopren — Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia de Belém, que trouxe mais de 200 jovens a Altamira, para ajudar na organização do encontro distribuiu diplomas de honra ao mérito a 11 ecologistas que se destacaram na defesa das florestas em 1988. Entre os homenageados estão o seringueiro Chico Mendes (postumamente), a advogada Barbara Bramble, da National Wildlife Federation, dos Estados Unidos, o cacique Paiakã, o jornalista Lucio Flávio Pinto e o antropólogo americano Darrel Posey, que foi ameaçado de expulsão do Brasil por acompanhar chefes Kayapó a Washington para protestar contra a barragem de Kararaó. Posey agradeceu afirmando que o Brasil era considerado um país atrasado em termos de política ambiental, mas "a partir desse encontro, ao articular, numa frente, índios, ecologistas e movimentos pelos direitos humanos, o Brasil passa à vanguarda do movimento ambientalista internacional".